



RESENHA CRÍTICA

GHIRALDELLI JR., Paulo (org.) *O que é filosofia da educação?* Rio de Janeiro: DP&A, 2000, 2. ed., 328 p.

Filosofia da educação: cartografia para navegação

Marcelo Rezende Guimarães

O que é filosofia da educação? Esta pergunta tem sido constantemente formulada por alunos e professores, na busca do seu sentido e expressão. Sem sombra de dúvida, a filosofia da educação constitui-se numa daquelas disciplinas incômodas, de articulação difícil, de um estranhamento tanto para quem tem formação filosófica, como para quem tem formação na área de educação.

Os navegantes que se aventuram a avançar neste mar conturbado – e é necessário fazê-lo sob pena de destituir a educação da reflexão crítica de sua base teórica –, especialmente os professores de filosofia da educação, podem encontrar um sólido subsídio com a publicação de *O que é filosofia da educação?*, uma coletânea de onze artigos sobre o tema, publicada pela DP & A, recentemente (e já em segunda edição). O título talvez induza a erro, fazendo o leitor esperar encontrar uma resposta puntual à questão ou um manual de filosofia da educação. Trata-se mesmo da cartografia da temática, do inventário necessário do *status quaestionis* e, sobretudo, do perguntar filosófico, origem e estrutura de toda filosofar: o que é isto que fazemos, isto, filosofia da educação?

Paulo Ghiraldelli Jr. abre o livro com o texto *O que é filosofia da educação – uma discussão metafilosófica*, onde percorre a trajetória do pensar filosoficamente a educação desde o início da modernidade até a reconstrução da filosofia da educação pelo neopragmatismo nos tempos contemporâneos. O autor situa historicamente o nascimento da noção de infância e da filosofia da educação no advento da modernidade e mostra como a metafísica da subjetividade, especialmente as filosofias elaboradas por Descartes e Rousseau, pretenderam fundamentar todo e qualquer saber – e também o saber pedagógico – e determinaram o caminho da busca da verdade como um percurso necessariamente filosófico e pedagógico: filosofar é educar-se. Descartes como iluminando uma pedagogia onde o aprendizado do conhecimento verdadeiro depende de uma disciplina da razão que também é aprendida e onde o professor, com regras externas, colabora para a introspecção de regras internas e possibilita o surgimento do homem a partir da finalização da infância. Rousseau fundando uma educação onde a verdade se apresenta como uma disciplina trazida de dentro para fora, sendo que esta subjetividade íntima se apresenta melhor na infância. Depois deste mapeamento do senso comum ocidental sobre as posturas pedagógicas possíveis, Paulo Ghiraldelli narra como estas concepções foram colocadas em cheque pelos *cinco demônios* – Nietzsche, Darwin, Marx, Freud e Wittgenstein. Darwin, Marx e Freud puseram em crise o próprio ponto de chegada do projeto pedagógico ao questionarem duramente a noção de sujeito. Nietzsche, ao nos fazer desconfiar do sujeito e da verdade que dele depende, fez desmoronar a idéia da educação moderna de apresentar um conhecimento verdadeiro, legítimo, científico, fundamentado epistemologicamente e/ou metafisicamente. Wittgenstein, com sua crítica às idéias da linguagem privada, problematiza o saber fundamentado na certeza da interioridade nuclear e indevassável do sujeito indivíduo que, por sua vez, se ligaria a outros sujeitos indivíduos por meio de uma natureza comum.

Diante destes questionamentos sobre a possibilidade de fazermos educação e elaborarmos pedagogia, sem poder contar com aquilo que contávamos, ou seja, com o humanismo e o fundacionismo filosóficos modernos, o autor inventaria os caminhos de resposta possíveis: o descarte da filosofia e/ou filosofia da educação feito por Durkheim e sua insistência em normatizar a educação por uma ciência positiva – psicologia ou sociologia –, apartando filosofia e educação; a ênfase dada por John Dewey na educação, como possibilidade para a necessária reformulação da filosofia, que, assim reconstituída, assumiria sua única vocação de ser filosofia da educação; a terceira via preconizada pela filosofia analítica da educação, a qual, se inclinando para a filosofia da linguagem ordinária e conceitual, concentraria forças na análise dos conceitos como possibilidade de um *insight* profundo; a filosofia social e política da educação e sua proposta de remoção das forças alienantes e repressivas da sociedade. O autor, ao registrar estes caminhos possíveis, não deixa de perce-

ber um impasse presente na filosofia da educação: conseguiria ela se desprender da idéia de uma natureza humana nuclear interior ao homem?

A pergunta serve para Paulo Ghiraldelli expor a virada neopragmática, especialmente a compreensão de R. Rorty como possibilidade de reconstrução da filosofia da educação. No entender do autor, o neopragmatismo fornece um modo de lidarmos com a desconfiança pós-moderna. No que constitui a parte mais complexa do seu artigo, Ghiraldelli expõe como a linguagem naturalista do neopragmatismo visa descrever as relações entre homem e meio ambiente escapando do modelo que descreve as relações entre sujeito e objeto, explicitando as principais linhas do holismo de Rorty: tudo que temos é um meio natural-histórico de relações, com várias linguagens e vocabulários, sem portas ou janelas no nosso interior que dariam passagem para um mundo sobrenatural ou a-histórico, numa rede de crenças e desejos. Assim a verdade é posta como uma atribuição lingüística nossa, seres falantes, ao qualificarmos frases nossas ou frases de outros companheiros da comunidade lingüística. Paulo Ghiraldelli, desprezando tanto a concepção inspirada em Dewey de ver a filosofia da educação como uma reflexão que já é quase uma pedagogia, como a compreensão vinda da abordagem analítica e da filosofia social em fazer da filosofia da educação uma discussão metafilosófica, posiciona-se a favor de Rorty, destituindo a filosofia de sua atividade fundacionista e tomando-a como narrativa ou fábrica de narrativas com as quais podemos solucionar problemas em pedagogia: “a filosofia como atividade de redescrever o mundo, as pessoas, os eventos, de acordo com novas linguagens e novos vocabulários, participando então da transformação do comportamento lingüístico das pessoas e assim participando da transformação do comportamento não-lingüístico delas” (p. 85). O autor adota nitidamente uma filosofia da educação neopragmática que, ao entender que o homem é um ser infinitamente plástico, vê a educação como contínua sem privilegiar qualquer fase da vida humana.

Depois desta mapeamento mais geral (intitulado pela autor como metafilosófico), e que já fez despontar uma compreensão particular – o neopragmatismo –, os artigos seguintes passam a descrever campos determinados e respostas articuladas à pergunta levantada: o que é filosofia da educação?

Paul Smeyers, da Bélgica, e James Marshall, da Austrália, assinam o artigo *A filosofia da educação no fim do século XX*, onde traçam um panorama da filosofia da educação nos países de língua inglesa e na Europa Ocidental. Ao descreverem a filosofia da educação de língua inglesa, constataam a existência de três abordagens: a perspectiva da filosofia como fundamentadora em relação à educação; a introdução nas idéias das obras dos grandes educadores; e a abordagem comparativa com o estudo dos diversos tipos de posição teórica, tais como realismo, idealismo, pragmatismo. Neste quadro, a filosofia analítica da educação representou a emergência de um novo paradigma de se fazer filosofia da educação, tornando-a uma área legítima de estudos e correspondendo

aos desenvolvimentos em filosofia geral (as ênfases analíticas e lingüísticas). Já os estudos realizados na Europa ocidental, especialmente a Alemanha, ocuparam-se com problemas situados dentro de um campo mais amplo de educação infantil, incluindo discussões do conceito de formação, a partir do legado da tradição do iluminismo, onde as questões sobre se a razão, e só a razão, pode decidir o que deveria ser feito, e se, além disso, o pensamento racional é possível mesmo, afinal, estão no coração desta problemática” (p. 105). Depois de examinarem brevemente algumas discussões, como a relação teoria e prática, e algumas perspectivas de soluções, como a crítica emancipatória e a antipedagogia, os autores culminam para uma filosofia da educação de índole wittgensteiniana, sendo a educação concebida como “uma iniciação dinâmica em uma forma de vida” (p. 111). A filosofia da educação wittgensteiniana tentaria tornar explícita a linguagem educacional, encontrando seu lugar em

(...) uma paisagem em que se movem e se questionam os educadores que não estão muito interessados na formação dos seres humanos para uma sociedade de particular, nem daqueles que querem dominar tais processos, mas sim daqueles que querem clarear para fora do campo ensolarado as diferentes formas da condição humana (p. 113).

Nicolas Burbules, da Universidade de Illinois, trabalha *As dúvidas pós-modernas e a filosofia da educação*. Segundo o autor, as tentativas de caracterizar e avaliar a aquisição de tendências intelectuais pós-modernas pela e para a filosofia da educação tem frequentemente naufragado na questão da determinação de uma explicação incontroversa do que é o pós-moderno (p. 121). Embora o pós-moderno não seja uma posição teórica específica, mas uma tendência intelectual que compreende várias e bem diferentes teorias filosóficas, o autor orienta-se pela conceituação de Lyotard e compreende o pós-moderno como incredulidade diante das metanarrativas: consciência da diversidade radical das diferentes formas culturais de vida que sustentam grupos e indivíduos; entendimento que certas dinâmicas de poder assimétricas são inerentes aos padrões de vida institucional; e percepção de que a linguagem e o discurso colorem de modo particular nossas maneiras de viver e ser no mundo. Assim, o que percorre as várias correntes pós-modernas não são um conjunto de teses ou posições, mas um humor ou atitude comum, expressas em três maneiras de lidar com o paradoxo: a ironia, a tragédia e a paródia. Estas três figuras, embora com o risco do niilismo, do pessimismo e do cinismo, respectivamente, desafiam profundamente a educação, com suas dimensões do progresso, do privilégio de certos conhecimentos e valores, da autoridade e da normalização, lançando dúvidas sobre as estruturas de justificação, distinções, base racional que nos tem permitido manter as atividades educacionais enquanto claramente legitimadas e bem dirigidas. Diante destas questões, o autor considera inaceitável tanto a segurança de que nossas boas intenções fornecem uma ga-

rantia contra cada uma das ameaças, como o abandono de todos os esforços educacionais. Se a educação envolve compromisso entre as pessoas e entre as pessoas e os assuntos a serem explorados, a atitude pós-moderna fornece a distância crítica para que este compromisso não crie dependência. Se a educação também envolve propósitos e direções, a abertura ao inesperado e ao tangencial impede de desperdiçar outras oportunidades. Se a educação implica algumas concepções de desenvolvimento ou crescimento, é preciso não entendê-los linearmente ou unidirecionalmente, compreendendo o erro, a dificuldade e a incerteza como condições inerentes dos processo educacional. Dessa forma, a incorporação do pós-moderno na filosofia da educação torna-se possibilidade de um corretivo contra a arrogância, a complacência e o fechamento de certas questões como resolvidas, condições necessárias para qualquer abordagem honesta de educação.

Nadja Hermannn, da UFRGS, prossegue o mapeamento, assinando *Nietzsche: uma provocação para a filosofia da educação*. A autora constata que foi sob os auspícios da tradição dos grandes sistemas filosóficos que se articularam os fundamentos da educação, a partir de certos modelos ontológicos, epistemológicos, éticos e antropológicos. Teorias como a de Nietzsche, no entanto, desferiram um duro golpe na idéia da filosofia como fundamento e, por extensão, no conteúdo metafísico com que tais fundamentos pretendem assegurar a validade do agir educativo. Nietzsche provoca a filosofia da educação – e, segundo a autora, de nada adiantaria dar às costas a tal provocação (p. 142) –, colocando sob suspeição as expectativas de construção do sujeito soberano do idealismo alemão e toda a tradição do humanismo.

A radicalidade com que Nietzsche ataca todos os fundamentos metafísicos e ideais, repõe a pergunta pelo sentido da educação, uma vez que desautoriza um ideal com validade universal, as sólidas verdades que asseguram a intervenção pedagógica, as certezas emancipatórias e as expectativas de controle sobre o comportamento correto (p. 145).

A autora analisa ainda como Alfred Schäffer e Stephanie Hellekamps receberam a provocação de Nietzsche em educação. Schäffer encontra em Nietzsche a possibilidade de desmascarar conceitos pedagógicos originários do contexto do idealismo alemão (como humanidade, autonomia, julgamento, razão, etc.) e aponta uma educação contingente para além da ilusão humanística. Stephanie Hellekamps, enfatizando o perspectivismo de Nietzsche com suas possibilidades e o reconhecimento da contingência, conclui para a educação o fim de um único objetivo. A interpretação de Schäffer ao pensamento de Nietzsche acentua o caráter trágico da existência, de modo que a própria singularidade desautoriza o ideal educativo universal, enquanto Hellekamps entende que o conceito de indivíduo nietzschiano, para a teoria educativa, conduz à contingência e à necessidade de flexibilizar um objetivo único. Am-

bos vêm a educação forçada a um recuo em relação a uma definição rígida de sua finalidade, desmanchando a idéia de educar atrelada a uma única orientação moral e reivindicando a pluralidade e contingência. Para a filosofia da educação, conclui a autora, a fecundidade do pensamento de Nietzsche se expressa ao provocar – porque introduz a suspeição da modernidade e de um projeto pedagógico formulado sob as mais caras tradições iluministas – e ao alertar, porque possibilita um redimensionamento do seu programa meramente prescritivo, revelando que a produção de idéias são expressão da vontade de poder.

Sílvio Gallo, da Universidade Metodista de Piracicaba e da Universidade de Campinas, apresenta *Notas deleuzianas para uma filosofia da educação*. Segundo o autor, no quadro da filosofia francesa contemporânea, Gilles Deleuze aparece como o filósofo da multiplicidade, numa tentativa de pensar juntas a univocidade do ser e a equivocidade dos entes. Para o filósofo francês, a filosofia é a arte de formar, inventar e fabricar conceitos, descartando as compreensões de filosofia como contemplação, reflexão ou comunicação. Gallo define o conceito para Deleuze como “uma aventura do pensamento que institui um acontecimento, vários acontecimentos que permita um ponto de vista sobre o mundo, sobre o vivido” (p. 170), um reaprendizado do vivido, uma ressignificação da mundo. Aplicando estas concepções à filosofia da educação, o autor constata que a filosofia da educação torna-se algo desinteressante e despotencializada toda vez que a filosofia se refugia na reflexão sobre algo. Se o que importa é resgatar o filósofo criador, uma filosofia da educação nesta perspectiva seria o resultado de um corte no caos operado pela filosofia e pela educação. Para o autor, o filósofo da educação não deve necessariamente ser íntimo da doxografia educacional, já que sua primeira tarefa é justamente combater dal doxografia. A tarefa do filósofo da educação é a de pensar filosoficamente questões colocadas pelo plano de imanência que atravessa transversalmente o campo de saberes em que se constitui a educação. Ele é, antes de qualquer coisa filósofo, um pensador, um criador de conceitos que dão consistência a acontecimentos no campo educacional, sem perder a infinitude do caos no qual mergulha. O autor conclui pela urgência em buscar uma filosofia da educação criativa e criadora, afirmando o caminho da criação de conceitos e de uma feição verdadeiramente filosófica como promissor para a filosofia da educação.

Tarso Bonilha Mazzotti, da UFRJ, é o autor do artigo *Filosofia da Educação, uma outra filosofia?*, onde apresenta a filosofia da educação com a tarefa central de elucidar o conhecimento educacional, particularmente as teorias pedagógicas, por meio de análises lógicas, dialéticas e retóricas (p. 188), refutando a compreensão da filosofia da educação como aplicação de outra filosofia e negando-a como instância capaz de determinar os valores éticos da educação, uma vez que a vida prática estabelece *per si* a eticidade. Para ele, o que

parece próprio da filosofia, em particular da filosofia da educação, é o exame de questões relativas ao conhecimento educacional, em seu sentido amplo, no qual se inclui o conhecimento dos valores (p. 192). Adotando a classificação de Brezinka dos conhecimentos educacionais em conhecimentos imediatos produzidos pelos educadores, em teorias pedagógicas e em conhecimentos metapedagógicos que examinam os anteriores, o autor entende que a filosofia da educação situa-se neste último. Assim, a filosofia da educação se caracterizaria como uma filosofia das ciências da educação, cuja primeira tarefa seria justamente a de contribuir para constituição dessa coordenação interdisciplinar, através e por meio das diversas ciências. A contribuição da filosofia da educação se faz pelo exame de problemas de ordens diversas, mas todos vinculados à certeza sensível da capacidade que temos de educar e a imensa dúvida teórica quanto à explicação dos processos e valores efetivamente educativos, o que postularia, segundo o autor, a necessidade de reexaminar o estatuto da disciplina de filosofia da educação.

David Ericson, da Universidade do Hawaii, escreveu *Orientação para a filosofia da educação: localizando o campo de atuação em relação a novos públicos*, onde procura encontrar uma resposta ao problema que qualifica de incômodo até mesmo para o mais experiente filósofo da educação: “introduzir estudantes no campo da filosofia da educação” (p. 205). Primeiramente, o autor resgata rapidamente as estratégias adotadas para isso: tratar a filosofia da educação como história da filosofia da educação, apresentar a filosofia da educação como um confronto de ismos, realizar um diálogo crítico com as visões apresentadas para os estudantes a adotarem um espírito crítico ou trabalhar problemas ou conceitos orientados. Depois, e nisso concentra seu esforço, analisa três trabalhos de filosofia da educação: *Philosophical Theories of Education*, de McKenna, *Philosophy of Education*, de Noddings, e *Back to Basics*, de Schrag. Entende que o primeiro, por limitar-se ao simples estudo do registro histórico do que os filósofos têm dito sobre educação, não nos aproxima da elucidação de quais premissas particulares devem ser incluídas em uma teoria profissional da educação. Reconhece em Noddings um excelente manual que faz um bom trabalho na cobertura das perspectivas contemporâneas sobre filosofia da educação, mas que não se envolve de forma suficiente com as questões. Percebe no último trabalho, de Schrag, um esforço em formular algumas questões fundamentais em educação e respondê-las, realizando um trabalho dentro da filosofia da educação propriamente dita.

Michael Peters, de Auckland, Nova Zelândia, é o autor de *Escrevendo o eu: Wittgenstein, confissão e pedagogia*. Ali mostra como Wittgenstein ataca a idéia cartesiana de auto-conhecimento, buscando superar a possibilidade mesma de uma linguagem privada. Faz isto analisando o estilo de confissão presente em Wittgenstein, estabelecido entre a narrativa e a reflexão. Para o autor, as *Investigações* constituem-se numa autobiografia espiritual e num texto

pedagógico que nos ensina que a pergunta quem sou eu não pode ser perseguida separadamente da pergunta que somos nós. Wittgenstein, ao incorporar a autobiografia como essencial à tarefa da filosofia, reconhece que o destino da filosofia é estar ligada à necessidade da confissão, ressuscitando e incorporando a noção de filosofia como um modo de vida. Confessando, a pessoa é subjetivada por alguém. Assim, Wittgenstein nos ensina que a filosofia, no senso pedagógico, é sempre autobiografia e que, apesar de pertencermos a uma forma particular de vida, estamos compelidos a nos recriarmos narrativamente como busca do significado que precisamos dar a nossas vidas.

O penúltimo artigo, intitulado *John Dewey, a outra face da escola nova no Brasil*, de autoria de Marcus Vinicius da Cunha, da UNESP, é talvez o trabalho que mais se distancia do conjunto por concentrar-se mais na tarefa histórica de rememorar a herança de Dewey no Brasil. O autor entende que a recuperação desta contribuição, com seus pólos antinômicos de expandir as potencialidades do indivíduo e o princípio de subordiná-lo aos ditames morais e políticos de seu grupo, constitui um discurso humanizador em meio à crescente hegemonia do pensamento racionalizador e tecnicista.

O último artigo, de autoria de Antônio Joaquim Severino, da USP, é dedicado à cartografia da *Terra Brasilis* e encerra, com qualidade, a coletânea. A *filosofia da Educação no Brasil: esboço de uma trajetória* cumpre realmente o que se propõe. O autor historia, não apenas o itinerário da filosofia da educação no Brasil, mas as análises desta mesma trajetória. Rememorando estudos sobre o *status* da temática no Brasil, constata a dificuldade de entender o que significa refletir filosoficamente sobre educação, referindo-se à ênfase exagerada que se dá à filosofia em detrimento da educação, ou então à ênfase que se deveria dar à educação em detrimento da filosofia ou, mesmo, a impossibilidade de se articular as duas esferas. Entende que o lugar natural da expressão da filosofia da educação é o do discurso elaborado por aqueles pensadores que pretendem estar construindo uma teoria filosófica explícita sobre a educação, como caminho para vencer a fragilização em que se encontra e para gerar processos investigativos para a área, passando da situação da filosofia de educação como ideologia que não se tematiza nem se explicita ao momento de se elaborarem concepções filosóficas da educação, de se praticar uma elucidação do seu significado, mediante categorias assumidamente filosóficas. Considera, assim, a filosofia da educação “não mais como um simples produto mas sobretudo como um processo, um modo de exercer o conhecimento sobre a educação, buscando-se assim respaldar sua legitimidade” (p. 282).

O autor inventaria a produção de filosofia da educação no Brasil, identificando e priorizando aqueles autores que de alguma forma tematizaram filosoficamente a educação e não o pensamento dos autores sobre educação. Entendendo estar superada, na reflexão filosófica mais recente sobre educação, a visão essencialista da mesma, encontra quatro grandes perspectivas filosófico-

educacionais, as quais analisa explicitamente. Uma primeira, alicerçada numa concepção técnico-funcional da educação, atribui à ciência as bases da pedagogia, entregando à filosofia da educação a tarefa de apenas cuidar da validação da metodologia de investigação e de expressão do conhecimento científico e tornando-a filosofia das ciências da educação. Uma segunda corrente tem sua base no que Severino chama de eticidade formativa, onde a educação se apresenta como construção do sujeito: um investimento feito pelos sujeitos, com vistas ao desenvolvimento de sua interioridade subjetiva, fazendo a filosofia da educação dar mais ênfase aos fundamentos antropológicos e éticos dos processos do que suas mediações práticas ou suas implicações políticas. A terceira corrente vê a educação como lugar de produção e cultivo da sensibilidade desejante: priorizando a esteticidade no pedagógico, dando à filosofia da educação um enfoque que privilegia o imaginário, o inconsciente, o emocional e o corporal. A quarta e última corrente tem a educação como práxis construtora da história, insistindo na dimensão de politicidade da prática pedagógica, dando à filosofia da educação um perfil praxista. O autor conclui seu panorama expressando sua convicção de que a filosofia da educação só se legitimará ao apoiar-se exatamente nos fundamentos que apresentam a condição de radical historicidade e de sociabilidade da educação, necessariamente inserida nas coordenadas do tempo histórico e do espaço social.

O livro impressiona pela reunião de vários autores brasileiros e estrangeiros, mostrando a diversidade e a abrangência da filosofia da educação que se faz no Brasil. Mesmo tendo a consciência de se tratar de um vasto painel ou mural sobre filosofia da educação, o leitor encontra pontos comuns que permeiam a pluralidade das vozes contidas: a problematidade e dificuldade da temática, a recusa contundente do fundacionismo metafísico, a consciência da fragilidade. Certamente constata a ausência de algumas respostas, como a hermenêutica ou o pensamento habermasiano. Continuar este esforço de mapear a filosofia da educação, explorando outros caminhos, poderia ser a proposta de um próximo volume.

A leitura de *O que é filosofia da educação?* oferece ao leitor a possibilidade de uma orientação no campo, pelo simples fato de enfrentar decididamente a tensão que se estabelece entre filosofia e educação, entre filosofia da educação e o atual contexto da crise da razão. Revela o que Nadja Hermann afirmou sobre a astúcia da filosofia que a cada despedida de fundamento mostra-se, mais uma vez, como reflexão filosófica (p. 139): ao colocar a filosofia da educação na berlinda, aponta-nos um caminho para fazer filosofia da educação.

Marecelo Rezende Guimarães é mestrando em Educação pelo PPGEDU da UFRGS.

Endereço para correspondência:

Caixa Postal 86

96800 – Santa Cruz – RS

E-mail: marcelo@viavale.com.br